



Antero de Quental

Uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário



BIBLIOTECA ESCOLAR

CLARA PÓVOA

Ficha técnica

Seleção local: Paulo Correia de Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede
2017

Antero de Quental. Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

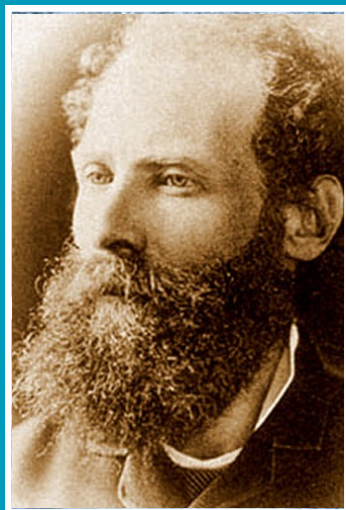
- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



Obras de Antero de Quental

Clique [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#) para aceder a obras do autor

Os textos

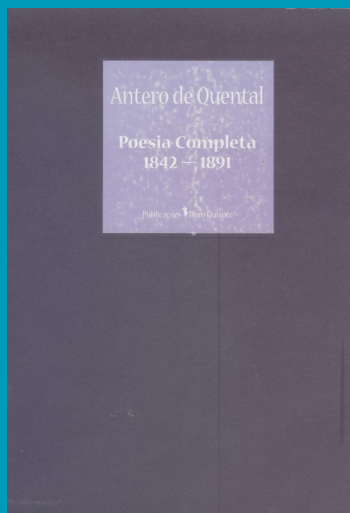
À HISTÓRIA

VI

Se um dia chegaremos, nós, sedentos,
A essa praia do eterno mar-oceano,
Onde lavem seu corpo os pustulentos,
E farte a sede, enfim, o peito humano?
Oh! diz-me o coração que estes tormentos
Chegarão a acabar: e o nosso engano,
Desfeito como nuvem que desanda,
Deixará ver o céu de banda a banda!

Felizes os que choram! alguma hora
Seus prantos secarão sobre seus rostos!
Virá do céu, em meio de uma aurora,
Uma águia que lhes leve os seus desgostos!
Há-de alegrar-se, então, o olhar que chora...

Quental, Antero de. (s/d). *Odes modernas. (extrato)* Disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/antero.htm>



Cota: 821.134.3-1 QUE

Textos

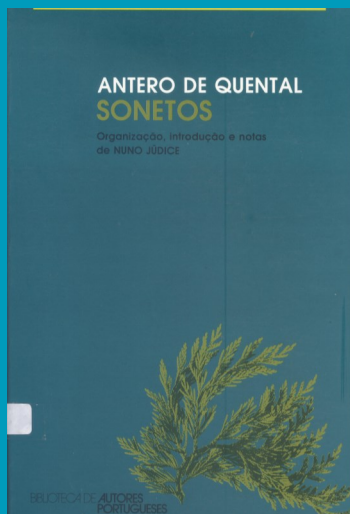
O Povo há-de um dia entrar dentro do Templo,
E há-de essa rude mão erguer-se sobre o altar;
E há-de dar piedade um grande e novo exemplo,
E, ao púlpito subindo, o mundo missionar.

Heis-de essa voz solene ouvir – na nave augusta
O canto popular ao longe soar;
E a pedra, carcomida às mãos do tempo e adusta,
Ansiosa palpitando, o hino escutará!

O Povo há-de fazer-se, então, bispo e levita;
E será missa nova que disser:
E há-de achar ao sermão por tema o que medita
Hoje confuso e está em mente a revolver.

Então, por essa imensa abóbada soando,
Há-de correr o som de um órgão colossal;
E uma outra cruz no altar, outro esplendor lançando,
Há-de radiar luz nova às terras do missal. (p. 420)

Quental, Antero de. (2001). *Poesia completa: 1842-1891*.
Lisboa: Dom Quixote.



Cota: 821.134.3-1 QUE

Num céu cinzento intermerato e cristalino
Pode habitar talvez um Deus distante,
Vendo passar em sonho cambiante
O ser, como espectáculo divino.

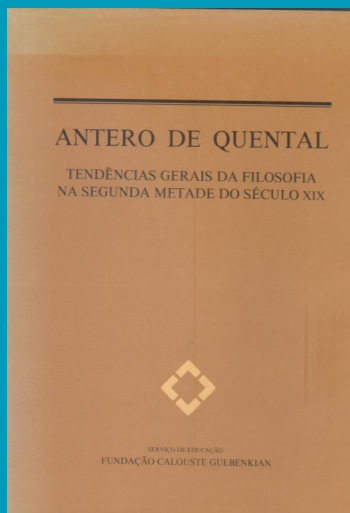
Mas o homem, na terra onde o destino
O lançou, vive e agita-se incessante:
Enche o ar da terra o seu pulmão possante...
Cá da terra blasfema ou ergue um hino...

A ideia encarna em peitos que palpitam:
O seu pulsar são chamas que crepitam,
Paixões ardentes como vivos sóis!

Combatei pois na terra árida e bruta,
Té que a revolta o remoinhar e bruta,
Té que a fecunde o sangue dos heróis! (p. 105)

Textos

Quental, Antero de. (2002). *Sonetos*. Lisboa: INCM.

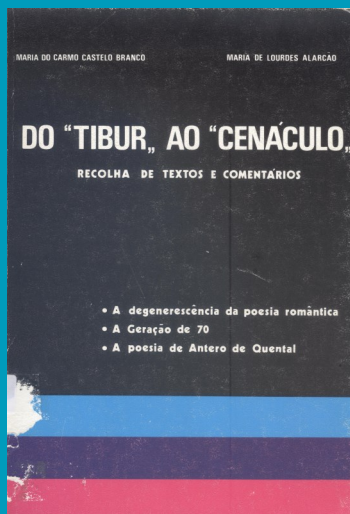


Cota: 1 QUE

A filosofia é eterna como o pensamento humano: mas, porque é eterna como ele, é que é como ele continuamente instável e flutuante, susceptível de progresso e sujeita ao retrocesso, desenvolvendo-se, como todas as coisas vivas, segundo uma linha sinuosa e complicada, que representa ao mesmo tempo a directriz da força íntima inicial e a acção mais ou menos perturbadora das forças concomitantes que lhe condicionam a expansão. Sempre igual a si mesma, no fundo, mas num fundo envolto, inconsciente e quase impenetrável, é continuamente diversa de si mesma nas suas manifestações, nas suas afirmações conscientes e sistemáticas do misterioso princípio ideal que forceja por exprimir e que, a cada ensaio de expressão definida, encobre quase tanto quanto revela. Ela representa assim, neste seu fieri incessante... (p. 53)

Textos

Quental, Antero de. (1989). *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*. Lisboa: Comunicação.



Cota: 80 CAS

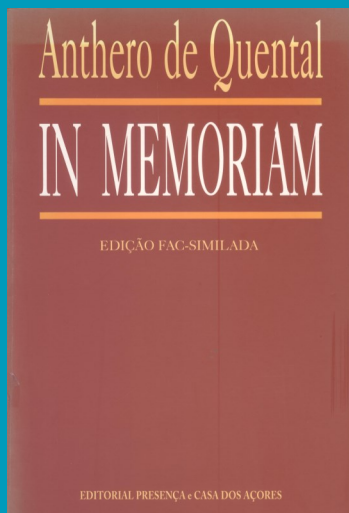
Textos

Acabo de ler um escrito de V. Exa., onde, a propósito de faltas de bom senso e de bom gosto, se fala com áspera censura da chamada escola literária de Coimbra, e entre dois nomes ilustres se cita o meu, quase desconhecido e sobretudo desambicioso.

Esta minha obscuridade faz com que a parte de censura que me cabe seja sobremaneira diminuta; enquanto, por outro lado, a minha despreocupação de fama literária, os meus hábitos de espírito e o meu modo de vida, me tornam essa mesma pequena parte que me resta tão indiferente, que é como que se a nada a reduzíssemos.

Estas circunstâncias pareciam suficientes para me imporem um silêncio, ou modesto ou desdenhoso. Não o são, todavia. Eu tenho que falar dois fortes motivos. Um é a liberdade absoluta que a minha... (pp. 98-99)

Castelo Branco, Maria do Carmo & Alarcão, M. de L.. (1981). *Do "Tibur" ao "cenáculo": recolha de textos e comentários*. Porto: Porto Editora.



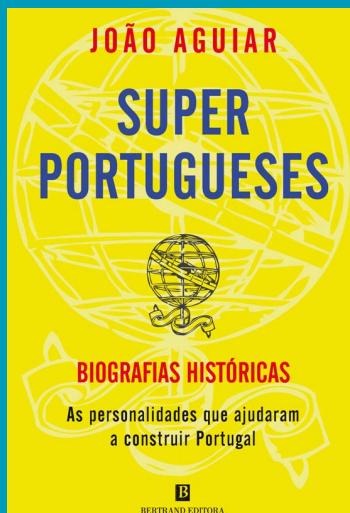
Cota: 80 ANT

Sobre os Textos

É que, na biografia d'esse homem extraordinário, os factos estão n'uma extrema desproporção com a importância da sua personalidade. A enumeração dos seus actos públicos mal enche uma exígua página: seriam, porém, necessários volumes para lhes estudar perfeitamente a complexa e maravilhosa natureza Psychica. Pode apagar-se rapidamente o rasto dos seus passos na efémera peregrinação do incerto areal da Vida: mas o rasto do seu Espirito e o rasto da sua Alma, esses não se apagarão nunca no seu ideal do Pensamento e da Virtude. [...]

Os santos não se suicidam, disse Pascal, e é tão grande verdade que parte d'ella se aplica ainda aos padres, que também não se suicidam senão mui rara e excepcionalmente, talvez porque tenham de comum com os santos as crenças profundas... (pp. 115-116)

Magalhães, Luís de. (1993). *A vida de Antero*. In A. M. A. Martins (Pref.) *Antero de Quental: In Memoriam* (pp.115-137). Lisboa: Presença.



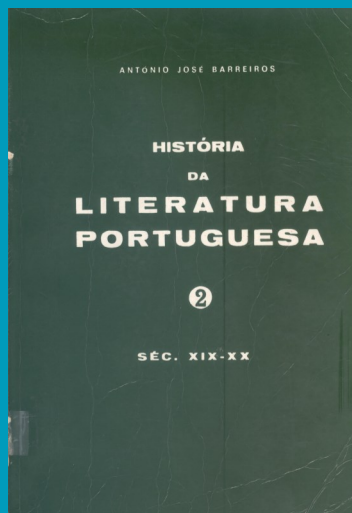
Cota: 94(469)(092) AGU

Sobre os Textos

Não há racional para que ele tenha deixado na nossa história a marca, tão profunda, que deixou. Mas a História nem sempre é racional. O mito ainda menos.

Vamos, antes de mais, evocar os factos e não as lendas e tradições. D. Sebastião, 16.º rei de Portugal, nasceu a 20 de Janeiro de 1554 e nesse dia, tal como nos seguintes, os portugueses sentiram um imenso alívio. Aquele bebé era, verdadeiramente, o que a História viria a chamar-lhe: o Desejado. O rei D. João III estava velho e doente e de todos os seus filhos legítimos só um sobrevivera, o príncipe D. João; mas, mesmo esse, morrera havia poucos dias, ainda adolescente: 16 anos apenas. Deixara grávida a sua mulher, Joana de Áustria. E dela nascera então aquele derradeiro rebento da Casa de Avis, a esperança de Portugal independente. (pp. 130)

Aguiar, João de. (2009). *Super portugueses*. Lisboa: Bertrand.



Cota: 80(09) BAR

Sobre os Textos

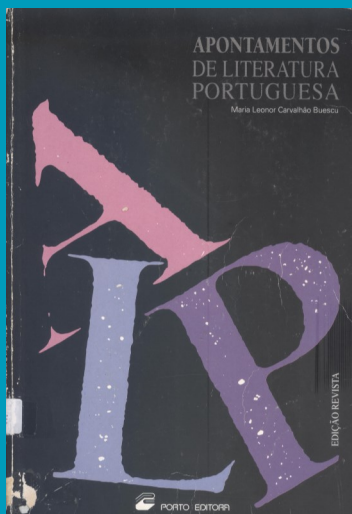
Embora o soneto fosse uma das modalidades estróficas do Classicismo, os românticos não o puseram de parte. Antero usou-o com o à-vontade de um quinhentista.

Começou o poeta a publicar sonetos em 1861. A edição *Sonetos Completos*, porém, só saiu em 1882, prefaciada por Oliveira Martins e dividida em ciclos ou fases. São ao todo 109. Do livro *Sonetos* diz na Carta Autobiográfica:

Ele forma uma espécie de autobiografia de um pensamento e como as memórias de uma consciência.

Estas palavras dão-nos a entender que Antero fez nos sonetos uma espécie de diário, que ali deixou bem impressa a carreira fulgurante do seu espírito. É o que vamos ver, examinando a temática... (p. 211)

Barreiros, António José. (1996). *História da literatura portuguesa* (2.º vol.) (14.ª ed.). Braga: Bezerra Editora.



Cota: 80 BUE

Sobre os Textos

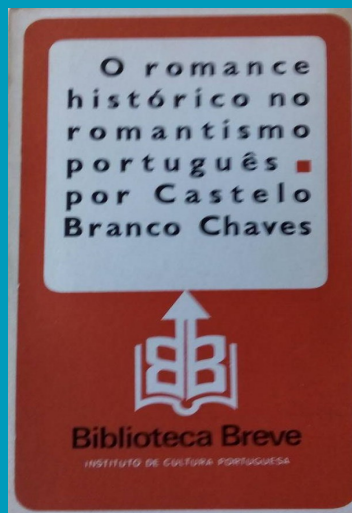
Antero de Quental (1842-1891) pertencia a uma distinta família açoriana que contava entre os seus antepassados alguns espíritos de tendências míticas: fora um Quental o introdutor da Ordem dos Oratorianos em Portugal.

Esses antecedentes podem ter determinado e explicarem em parte a profunda religiosidade do seu temperamento.

Veio ainda criança para Lisboa e aos catorze anos frequentou os preparatórios em Coimbra, entrando aos dezasseis na Universidade, onde tomou contacto com as ideias revolucionárias do positivismo que reinava em Coimbra, no meio estudantil, onde os filósofos franceses e alemães alimentavam uma ávida juventude.

Inicia-se então o longo calvário espiritual de Antero, cujo relato poético nos é feito através... (p. 159)

Buescu, Maria Leonor Carvalho. (1993). *Apontamentos de literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.



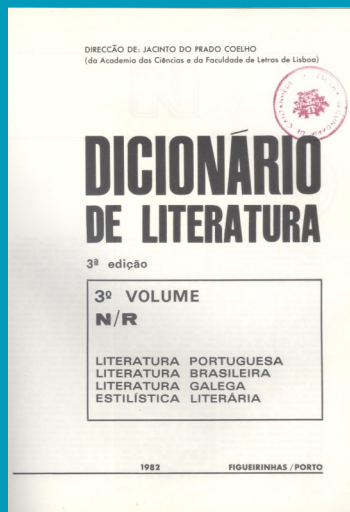
Cota: 80 CHA

As tentativas de Garrett no género de novela histórica datam de 1825. No seu espólio literário foi encontrado um manuscrito de duas páginas e meia intitulado *A Excelente Senhora – Romance Histórico*, com data de Agosto de 1825. A dr.^a Ofélia Paiva Monteiro no seu minúsculo trabalho *A Formação de Almeida Garrett – Experiência e Criação*, Coimbra, 1971, informa-nos que essas «três escassas páginas», «contemporâneas da publicação da elegia a Camões, revelam-nos expressivamente esse mesmo estado íntimo que se reflecte em toda a estilização do poema: a «crise» aguda da nostalgia do exilado, roído de saudades da pobre pátria distante, entre os tons deslavados de um país hostil para seu sentimento. [...]

Sem dúvida que, por este tempo, Garrett, fascinado pela obra de Walter Scott, se tornou pela novela histórica... (p. 33)

Chaves, Castelo Branco. (1979) *O romance histórico no romantismo português*. Lisboa: I. C. P.

Sobre os Textos

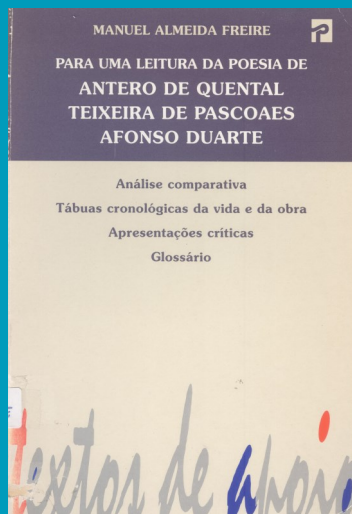


Cota: 80(038) COE

Até aí os sonetos por que exprimia a sua angústia metafísica eram profundamente pessimistas. O poeta confessava o anseio de, fugindo à luta, dormir no seio profundo do Não-Ser: «Nesta viagem pelo ermo espaço / Só busco o meu encontro e o teu abraço, / Morte! Irmã do Amor e da Verdade!» («Elogio da Morte» - II). Hartmann difundira a doutrina do Inconsciente. Era inconsciente Deus, porque, se o não fora, não teria criado o Universo monstruoso; inconsciente a força que impele a Humanidade. Esse Inconsciente sacode o poeta, «altas horas da noite»; assim começa a série de sonetos «Elogio da Morte». Aí se expõe uma filosofia que vê na Morte o único processo de libertação das forças inconscientes que determinam o destino do homem. Afirma o autor em carta a António de Azevedo Castelo Branco que escrevera tais sonetos (publicados na Revista Ocidental em 1875)... (p. 893)

Coelho, Jacinto do Prado. (1982). *Dicionário de literatura* (3.^a ed., 3.^o vol.). Porto: Figueirinhas.

Sobre os Textos

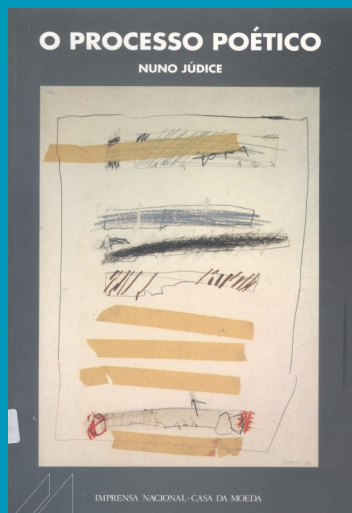


Cota: 80 FRE

No culto do Soneto temos um sintoma do espírito filosófico que Antero, essencialmente, sempre foi. Trata-se de algo que se pode aproximar dos parágrafos de Nietzsche, ou seja, de um modelo conceptual que permite ao pensamento uma existência, em termos de duração, susceptível de permitir a continuidade necessário ao desenvolvimento, “controlado” por esse espírito filosófico, de um raciocínio. Daqui ressalta uma outra conclusão: é que Antero se aproxima do tipo de poesia cultivada, afinal, por aqueles com quem, aparentemente, não o relacionaríamos imediatamente. Refiro-me aos românticos, por um lado, e aos positivistas, por outro lado. Há um tipo de romantismo, com efeito, que procura dar uma visão épica ao mundo, no sentido em que é possível encontrar um argumento por detrás do universo lírico aparente no poema. (p. 28)

Freire, Manuel Almeida. (1996). *Para uma leitura da poesia de Antero de Quental, Teixeira de Pascoaes, Afonso Duarte: poetas do sagrado*. Lisboa: Presença.

Sobre os Textos

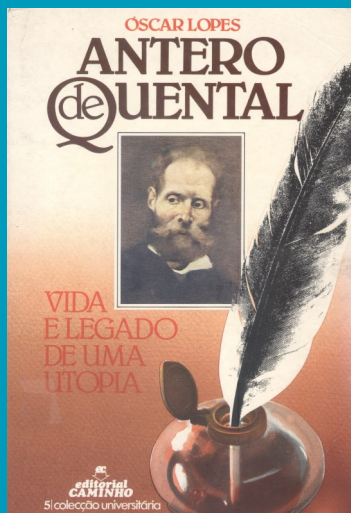


Cota: 80 JUD

Tal permitir-nos-á concluir que, desde o início da sua aventura poética, Antero tem uma precisa consciência de que o poema põe em jogo mais do que um simples processo expressivo, quer em termos sentimentais (como nos românticos) quer em termos formais (como nos parnasianos). Assumindo a verdade da poesia, o poeta coloca-se a um nível de transcendência que nos força a uma leitura do poema para além do que ele transporta de poético, inscrito na totalidade de que o ser e o tempo são as duas componentes profanas. Falta, evidentemente, esse passo para o sagrado que o poeta não ousa transpor: mas é esse sacrifício do lado luminoso da Essência que serve de lenha para alimentar o fogo nocturno de uma obra que continua a iluminar o horizonte da nossa poesia. (p. 93)

Júdice, Nuno. (1992). *O processo poético*. Lisboa: INCM.

Sobre os Textos

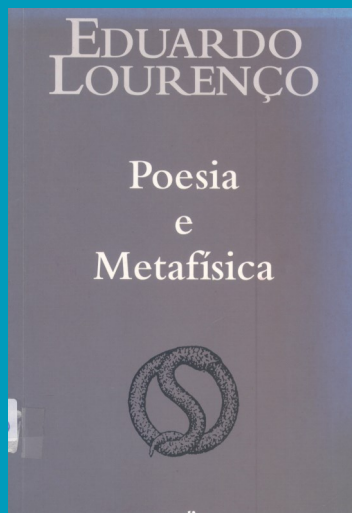


Cota: 80(092) LOP

Antero considerava-se «mais poeta do que filósofo», e é de facto pela poesia, em especial pelos Sonetos, que ficou mais conhecido, na língua original e em numerosas traduções, e que maior influência exerceu posteriormente na literatura portuguesa. As suas composições em verso encontram-se reunidas em três colecções: Raios de Extinta Luz, postumamente editada por Teófilo Braga, e aumentada e corrigida em 3.^a edição, de 1948, incluindo poesias datadas de 1858 a 1868 e outros dispersos posteriores; Primaveras Românticas – Versos dos Vinte Anos (1861-1864), volume seleccionado e editado em 1871; as Odes Modernas, com 1.^a edição em 1865 e 2.^a modificada pelo autor em 1875; e os Sonetos Completos, 1886, coligidos por Oliveira Martins, reedição aumentada, de 1890... (pp.83-84)

Lopes, Óscar. (1983). *Antero de Quental: vida e legado de uma utopia*. Lisboa: Caminho.

Sobre os Textos



Cota: 80 LOU

Antero de Quental, apóstolo do socialismo? Sem dúvida! Mas de que visão do socialismo e de que encarnação prática? Proudhon? Sem dúvida, também, mas igualmente de outras fontes, dividido, partilhado como o foi desde a juventude por todas as ideias do seu tempo e preocupado, acima de tudo, com interrogações que revelam mais da ordem filosófica ou religiosa que do domínio propriamente político ou social. Aliás é justamente por isso que o socialismo de Antero não se reduzirá nunca à afirmação e defesa de um ideal generoso de justiça social, como era o dos seus companheiros. O seu socialismo é «a visão do mundo» e o entusiasmo pela «nova ideia» não se pode confinar no domínio de uma acção militante sem referências metafísicas e consequências de ordem transistórica. Para Antero, a ideia nova, o socialismo como Revolução dos tempos modernos, como cristianismo fora a do mundo antigo... (p. 144)

Lourenço, Eduardo. (2002). *Poesia e metafísica*. Lisboa: Gradiva.

Sobre os Textos



Cota: 80 MAC

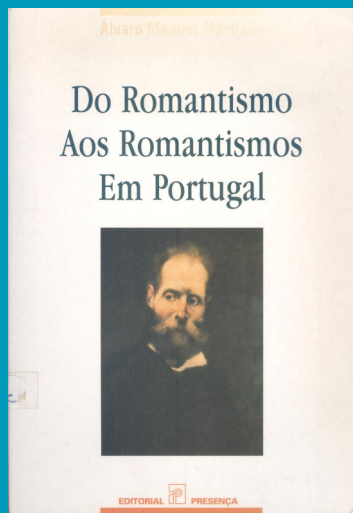
Longe de ser confissão, a literatura foi para Antero, através das várias fases da sua obra, antes de mais uma forma de revolta e de exigência absoluta do pensamento para lá do relativismo do sentimento. Como diz Oliveira Martins no prefácio aos Sonetos: Antero é «um poeta que sente, mas é um raciocínio que pensa. Pensa o que senta, sente o que pensa.» Como diria mais tarde Fernando Pessoa de si mesmo: «O que em mim sente, está pensando.»

Mas a Antero faltava a ironia niilista de Pessoa para dar a esse drama pensamento-sentimento uma feição essencialmente lúdica. Para Antero, pensar e sentir deveriam conjugar-se para um mesmo fim: agir. E agir como um condutor de povos, como um iluminado.

Se não chegou a ser um condutor de povos, Antero foi, no entanto, o mestre incontestado, e incontestável da Geração 70... (pp. 49-50)

Machado, Álvaro Manuel. (1981). *A geração de 70: uma revolução cultural e literária* (2.ª ed., 4.º vol.). Lisboa: I.C.L.P.

Sobre os Textos



Cota: 80 MAC

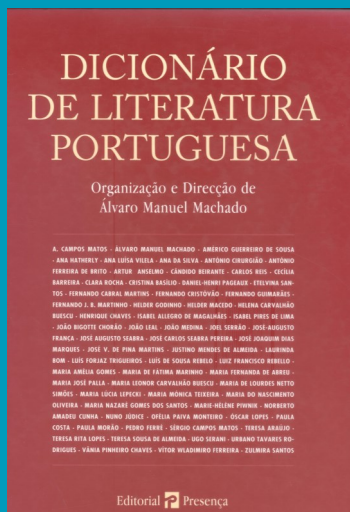
Essa cristalização, essa fixação tornou-o o poeta-filósofo duma metafísica romântica «moderna» que até então se desconhecia em Portugal.

Assim, Antero abre caminho para essa Poesia metafísica nova em Portugal que Fernando Pessoa, num texto data de um ano antes da sua morte, justamente assinalou: «Com Antero de Quental se fundou entre nós a poesia metafísica, até ali não só ausente, mas organicamente ausente, da nossa literatura». E Pessoa acrescenta que, dos três «mestres» portugueses da poesia do século XIX, Antero, Cesário e Camilo Pessanha, o primeiro ensinara a «pensar em ritmo», enquanto que Cesário (sobretudo por influências de Baudelaire) o ensinara a «observar em verso» e Pessanha (o Verlaine português) o ensinara a «sentir veladamente».

Deste modo (para voltar-mos ao início, finalizando), através de Pessoa, os contemporâneos mas tão diferentes Antero e Verlaine, herdeiros em vários sentidos de modelos românticos europeus comuns, acabaram por se encontrar. (p. 80)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Do romantismo aos romantismos em Portugal*. Lisboa: Presença.

Sobre os Textos

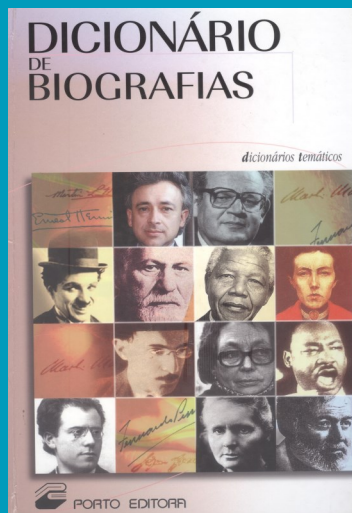


Cota: 80(038) MAC

Quental, Antero Tarquínio de (18/4/1842, Ponta Delgada, ilha de São Miguel, Açores – 11/9/1891, id.) Originário de uma família fidalga e letrada de proprietários rurais, dela provém, no século XVII, o Padre Bartolomeu do Quental, fundador da Congregação do Oratório em Portugal; o seu avô André da Ponte de Quental, foi poeta e íntimo de Bocage; o seu pai foi um dos «Bravos de Mindelo» (1832). Estudos primários e liceais em Ponta Delgada, em Lisboa e, por fim, em Coimbra, onde, em 1856 a 1858, é aluno interno do Colégio de S. Bento. Na Universidade de Coimbra inicia depois os estudos de Direito, que concluiu em 1864. Desde o início dos anos 60 que Antero se torna uma figura influente, quase mítica no meio estudantil e intelectual coimbrão. Eça evoca-o mais tarde (*In Memoriam*, 1896)... (p. 398)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença.

Sobre os Textos



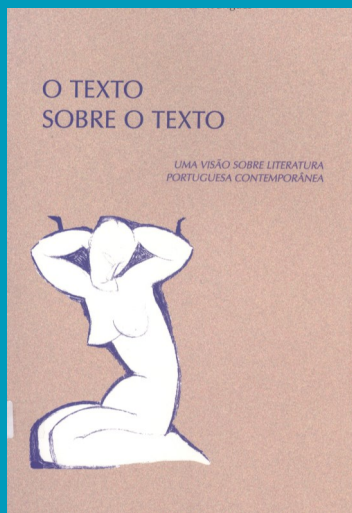
Cota: 80(038) MON

Escritor, poeta e filósofo português, nasceu em Ponta Delgada, na ilha açoriana de São Miguel. [...]

Antero de Quental é uma figura singular e cimeira na literatura portuguesa oitocentista, não só por ter sido o mentor de toda a Geração de 70, como pelo drama filosófico e espiritual que foi a sua vida. É-o também pelas metamorfoses e tensões por que passou a sua criação poética e porque foi o primeiro escritor que nunca dissociou a condição (e o trabalho) de poeta da reflexão estética acerca da essência e função civilizadora da poesia e da arte no contexto de uma filosofia da História – abrindo, deste modo, um espaço de modernidade nas Letras portuguesas. Das suas obras, que vão da poesia à reflexão filosófica, salientam-se: Raios de Extinta Luz, Odes Modernas, Primaveras Românticas, Cartas Inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins e Prosas e Cartas. (p. 496)

Monteiro, Manuela. (2001). *Dicionário de biografias*.
Porto: Porto Editora.

Sobre os Textos



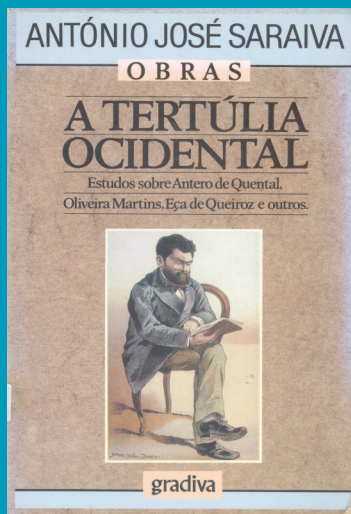
Cota: 80 ROD

Nessa procura, que é toda a poesia de Antero, de um universo que não seja absurdo, onde a finalidade da grande maquinaria cósmica fosse a Liberdade, a plena interioridade do eu, identificada com o ideal, há um elemento de tonalidade cristã com muita força: a Dor, que irrompe, com o seu cortejo de superlativos semânticos, nos versos sete e oito - «Pelo grito feroz de abandonada / que um momento de amante fez maldita».

Essa dor, que no quarto e último ciclo da poesia anterior se torna plangentemente impessoal e universal, abrindo caminho ao clima metafísico do espanto e da dor em Raul Brandão, seve aqui de antecâmara à aparição da morte. Esta – note-se – não será neste contexto, a Mors Liberatrix, que, subvertendo, resgata do célebre soneto... (pp. 20-21)

Rodrigues, Urbano Tavares. (2001). *O texto sobre o texto*. Lisboa: INCM.

Sobre os Textos



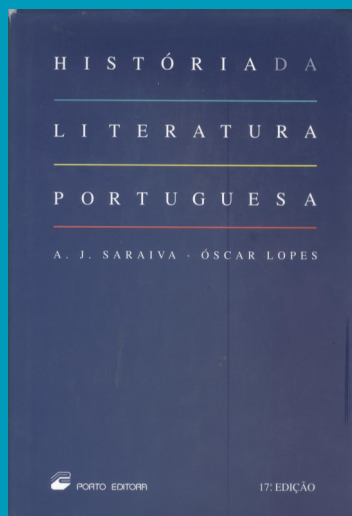
Cota: 80 SAR

Segundo o texto assinado por Oliveira Martins que antecede os Sonetos Completos esses poemas representam uma biografia espiritual que termina num ponto de chegada. Esta interpretação não era só a de Oliveira Martins, mas também a de Antero: «Estimo este livrinho de sonetos por acompanhar como a notação de um diário íntimo [...] as fases [sic] sucessivas da minha vida intelectual e sentimental. Ele forma uma espécie de autobiografia de um pensamento e como que as memórias de uma consciência.»

Oliveira Martins, seguindo a mesma ideia geral, dividiu essa biografia em cinco fases ou ciclos. É aqui o lugar para discutir-mos a opinião de A. Sérgio sobre esta divisão. Para Sérgio «tal classificação não merece ser tida em grande conta». Ele contrapunha a esta ordenação por ciclos uma outra que consistia num vaivém entre dois estados de espírito, «duas fases ininterruptas... (p. 122)

Saraiva, António José. (1990). *A tertúlia ocidental*. Lisboa: Gradiva.

Sobre os Textos

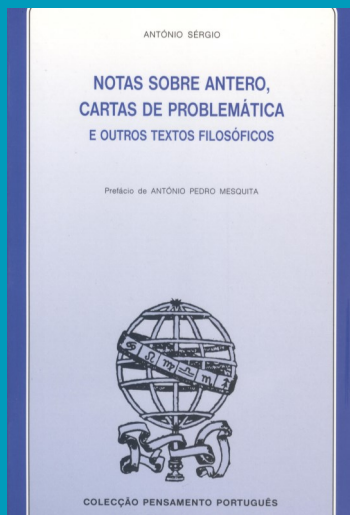


Cota: 80(09) SAR

É nos sonetos que encontramos o melhor conjunto da obra poética amadurecida de Antero. Deve-se como sabemos, a João de Deus a reabilitação dessa forma clássica, «a forma lírica por excelência» no juízo anterior, molde disciplinador que o primeiro Romantismo desprezara e que se tornaria predilecta de Antero de Quental. Há nisto uma espécie de novo-classicismo, de uma nova discursividade relacionante, demasiado abstracta, ritmicamente sugestiva, a que não faltam, como sinais de uma tradição rediviva, certos traços camonianos, por exemplo, a concepção dialéctica da realidade e até paráfrase de versos («Que sempre o mal pior é ter nascido»; «Mas passar entre turbas solitário»), e bocagianos, como certas alegorias, frequentemente maiúsculas, e a obsessão da morte... (pp. 831-832)

Saraiva, A. J.& Lopes, O. (2005). *História da literatura portuguesa* (17.^a ed.). Porto: Porto Editora.

Sobre os Textos

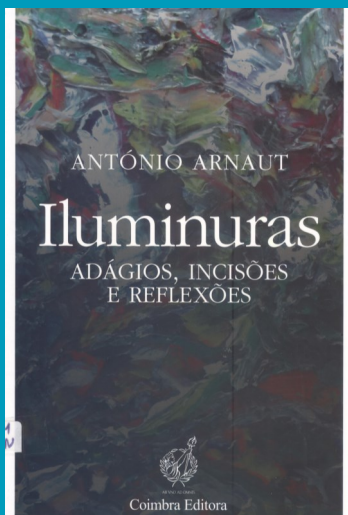


Cota: 1 SER

Isto mesmo se conhece nos Sonetos, onde logo se repara que o seu génio era todo de emotividade e sentimento. Não lhe ficavam das coisas as salientes imagens visuais, mas as cambiantes de emoção que nele geravam. Aqueles que pretendem fazer arte sem profundas ideias, verdadeiros sentimentos e fortes sensações, não distinguem o homem vivo da vacuidade dos espantalhos. O estilo, ou não existe, ou é o suco de uma individualidade e da experiência pessoal. Agora mesmo, lá em baixo, ouço uma rapariga cantar uma toada predilecta; - e tudo, desde a escolha da cantiga à modulação da sua voz, é a consequência de um temperamento, de algumas aventuras sentimentais, e da conformação de uma garganta... Até as mais abstractas se acompanham em nós de imagens, tendências, sentimentos que nos caracterizam: daí a diferença dos estilos. completa dos Sonetos, muitos deles desentranhados... (p. 63)

Sérgio, António. (2001). *Notas sobre Antero, cartas de problemática: e outros textos filosóficos*. Lisboa: INCM.

Sobre os Textos



Cota: 821.134.3-1 ARN

Junto à grade, onde sempre me debruço para melhor sorver o Mondego, há sombras que se movimentam na memória acordada. Talvez Antero, Eça ou António Nobre, talvez Luís Góis, Zeca Afonso ou Adriano, quem sabe, se eu próprio, quando aqui assomei pela primeira vez, e soltei os olhos para além do horizonte visual para sonhar um novo mundo, mais livre, justo e fraterno. Foi por causa desse sonho que sempre senti como meu o sofrimento dos outros. Foi por ele que sempre quis ser advogado, tribuno da plebe, defensor dos fracos e dos oprimidos. A vida não foi como então a imaginava, mas posso garantir-vos que nunca trai a função ético-social da advocacia e nunca advoguei contra o direito, a verdade, a razão e a justiça.

Passam pelo meu espírito essas figuras maiores da Academia coimbrã e, talvez... (pp. 84-85)

Arnaut, António. (2013). *Illuminuras: adágios, incisões e reflexões*.
Coimbra: Coimbra Editora.

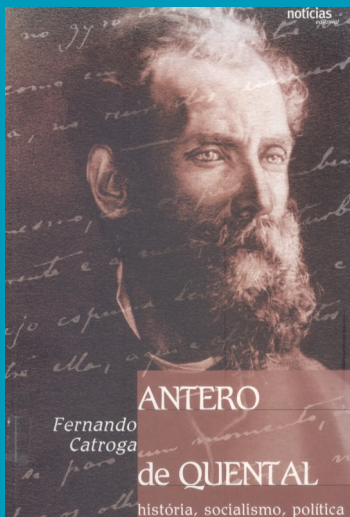


Cota: 80(038) BUE

ConTextos

Antero de Quental vai estabelecer a ponte entre o Romantismo e o Realismo, já que as ideias e espíritos do primeiro não vão ser rápida e totalmente extintas pelo segundo. O autor das *Odes Modernas* (até escolha deste título de transição é simbolicamente elucidativo) irá ser, na felicíssima definição de António Machado Pires, «romanticamente anti-romântico». Romântico ao defender o chamado Romantismo social que irá dar lugar ao socialismo propriamente dito. Vicente Machado de Faria e Maia escreve a este propósito nas «Recordações de Família» do In Memoriam: «sempre o conheci socialista desde os verdes anos.» Foi-o, sem dúvida, nestes anos de adolescência, muito mais pela simpatia que lhe mereciam as classes desfavorecidas do que pelo efeito de um estudo sistemático das questões sociais que só veio a aprofundar... (p. 452)

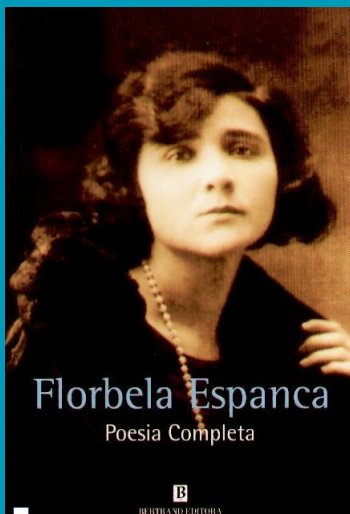
Buescu, Helena Carvalhão. (1997). *Dicionário do romantismo literário português*. Lisboa: Caminho.



Cota: 1 CAT

Embora nunca tenha explicitado o seu pensamento social definitivo, é certo que, a partir dos anos 70, ele se manteve fiel a um modelo de sociedade em que o evolucionismo, a *dialéctica serial* e o organicismo sociológico foram integrados, com algumas revisões, no fundo ético-vitalista do seu ideário. E se, como confessa na carta autobiográfica de 1887, a incorporação dessas influências se deu sempre dentro do horizonte hegeliano, a sua visão da sociedade continuou a ser comandada pelos mesmos imperativos que havia aprendido nas obras de Quinet, Michelet, Proudhon, tradição à qual os ensinamentos dos vários sociologismos, do *socialismo catedrático* e de Oliveira Martins, bem como as lições que foi recolhendo da própria experiência histórica, conferiam, porém, um pendor mais estatista. (p. 167)

Catroga, Fernando. (2001). *Antero de Quental: história, socialismo, política*. Lisboa: Editorial Notícias.



Cota: 821.134.3-1 ESP

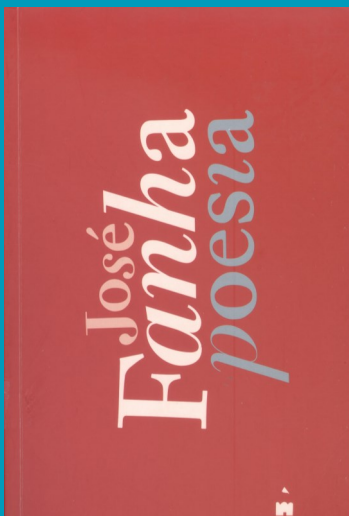
ConTextos

Tarde de brasa a arder, sol de verão
cingindo, voluptuoso, o horizonte...
sinto-me luz e cor, ritmo e clarão
dum verso triunfal de Anacreonte!

Vejo-me asa no ar, erva no chão,
oiço-me gota de água a rir, na fonte,
e a curva altiva e dura do Marão
e o menu corpo transformado em monte!

E de braços na terra penso e cismo
que, neste meu ardente panteísmo
nos meus sentidos postos e absortos

Nas coisas luminosas deste mundo,
a minha alma é o túmulo profundo
onde dormem, sorrindo, os deuses mortos! (p. 305)
Espanca, Espanca. (2006). *Poesia completa* (8.^a ed.). Lisboa: Bertrand.



Cota: 821.134.3-1 FAN

ConTextos

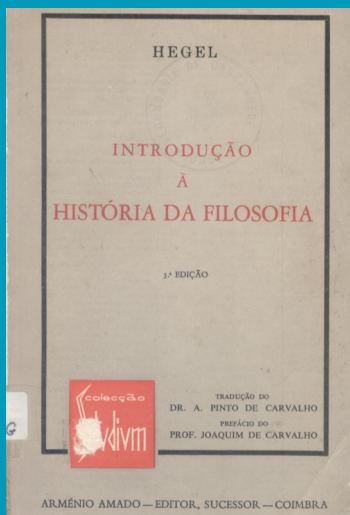
Carta aberta

Se queres escrever poesia
Porque é que não escreves poesia?
Porque é que não cantas
As aves e os peixes,
Os ramos persistentes dos antigos carvalhos,
A fúria dos elementos?

Porque é que não dás voz
A quem não tem dinheiro para o tabaco,
À criança que vagueia pelas lixeiras,
A quem só resta o martelo
Das bombas nos ouvidos
E um buraco nas costas
E um penso ensopado em pus?

Porque é que as tuas palavras se afastam
Do mais doloroso cimento deste mundo
E quando as mordemos não sabem a carne
Nem a frutos maduros? (p. 167)

Fanha, José. (2012). *Poesia*. Coimbra: Lápis de Memórias.



Cota: 1 HEG

Do mesmo modo que a ciência é afim da filosofia, porque se refere ao conhecimento formal, assim a religião, precisamente porque diz respeito ao conteúdo, é o oposto deste mundo, e se aproxima da filosofia, por se dar como objecto, não o terreno, nem o mundano, mas o infinito. Com a arte, e especialmente com a religião, a filosofia tem de comum o ter por conteúdos objectos universais. A arte e a religião são os modos onde as mais altas ideias se revelam à consciência não filosófica, ou seja à sensível, intuitiva e representativa. E, visto que, a respeito do tempo e do desenvolvimento da cultura, as manifestações da religião precedem as da filosofia, deve-se bem determinar até que ponto se há-de excluir o elemento religioso, e não descobrir nele o início da história da filosofia.

Porque, de facto, nas religiões os povos tinham manifestado o seu modo de representar a essência... (pp. 111-112)

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. (1974). *Introdução à história da filosofia* (3.^a ed.). Coimbra: Arménio Amado.

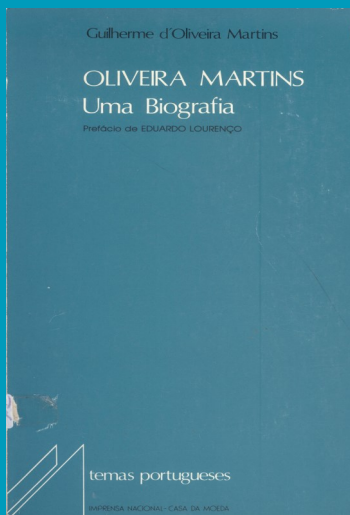
Con Textos



Cota: 94(469) MAR

A maioria destes intelectuais estudou na Universidade de Coimbra. Foi aí que teve início a sua afirmação e consciencialização como grupo (1865), na chamada Questão Coimbrã, que pôs frente a frente dois bandos, um, dos jovens estudantes, chefiado por Antero de Quental, contestando os valores espirituais, sociais e literários do seu tempo, e o outro, de intelectuais mais idosos (com alguns estudantes também), dirigido pelo poeta Castilho, defendendo esses valores. Anos mais tarde, em Lisboa, os primeiros reuniram-se de novo, agora num clube privado, que organizou um ciclo de conferências no Casino Lisbonense, sobre os aspectos modernos da literatura, história, religião, educação, etc. Estas conferências do Casino (1871) depressa se converteram em ataques ousados à ordem social e política existente, assustando os poderes... (p. 56)

Marques, A. H. de oliveira. (1973). *História de Portugal: desde os tempos mais antigos até ao governo do sr. Marcelo Caetano*. Lisboa: Palas editores.



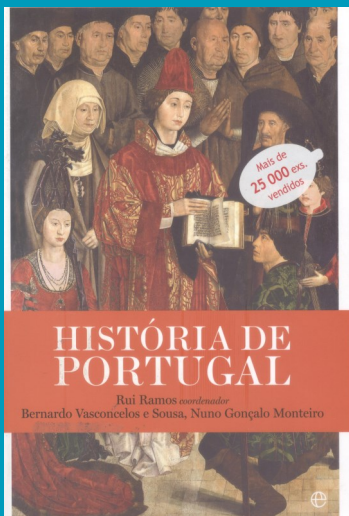
Cota: 80(092) MAR

Antero de Quental e Oliveira Martins são duas figuras centrais da geração de 70. Ambos tentaram, cada um à sua maneira, uma reforma da sociedade que permitisse uma autêntica regeneração colectiva, dignificadora e democrática, diversa do «negocismo argentário» ou dos jogos da «Arcada e de S. Bento» tão pauperizadores e nefastos.

Apesar de diferenças existentes, que se foram atenuando com o evoluir do tempo e do pensamento, seriam, desde o momento em que se conheceram até à separação (motivada pelo suicídio de Antero), dois íntimos companheiros de lutas e angústias.

Mas como se encontraram Antero e Oliveira Martins? Como chegaram a uma confluência de actuações e de ideias? Como se iniciou essa amizade duradoura e indestrutível que levou Martins a recordar saudosamente Antero ainda poucos momentos antes de falecer? (p. 47)

Martins, Guilherme d'Oliveira. (1986). *Oliveira Martins uma biografia*. Lisboa: INCM.

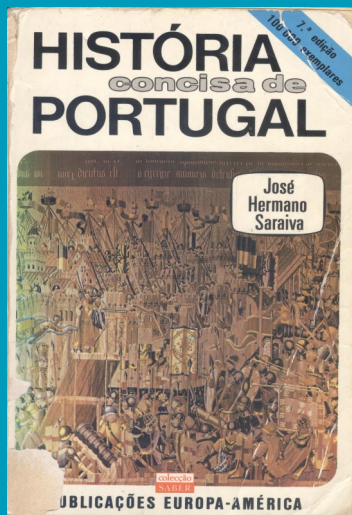


Cota: 94(469) RAM

ConTextos

A imprensa chama-lhes a «geração nova». Provinham maioritariamente daquela classe média que encaminhava os filhos, através de Coimbra, para os empregos do Estado. Em 1865, celebrizaram-se numa polémica contra o velho António Feliciano de Castilho, o poeta oficial do regime: a «questão coimbrã». Foi a maior zaragata literária portuguesa, com 33 autores a produzirem 37 opúsculos, publicados em Lisboa, Porto, Coimbra e até no Rio de Janeiro. Na época de agitação de 1868-1871, em Lisboa, tentaram impor as últimas modas intelectuais europeias: o «socialismo» de Proudhon, a Associação Internacional dos Trabalhadores, o «positivismo» de Auguste Comte, a erudição «científica» das universidades alemãs, e o estilo «naturalista» dos romancistas franceses. (p. 543)

Ramos, Rui. (2012). *História de Portugal* (7.^a ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.



Cota: 94(469) SAR

ConTextos

Os historiadores da literatura dão muito relevo a um movimento de renovação de ideias e de modelos literários verificado em Portugal nas décadas decorridas entre 1860 e 1880. Compreende-se essa atenção porque o movimento teve por porta-vozes alguns dos maiores escritores portugueses do século passado: Antero, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Teófilo Braga (é a esse núcleo, acrescido de mais alguns nomes, que se convencionou colar a etiqueta de geração de 70). Do ponto de vista de uma eficiente intervenção política, e principalmente do dos resultados conseguidos na evolução das ideias e das instituições, a importância da «geração 70» foi quase nula. Tem um certo interesse verificar que, dos homens que a formaram, o que mais influenciou o curso dos factos políticos foi precisamente... (p. 327)

Saraiva, José Hermano (2012). *História concisa de Portugal* (7.^a ed.). Mem Martins: Publicações Europa-América.

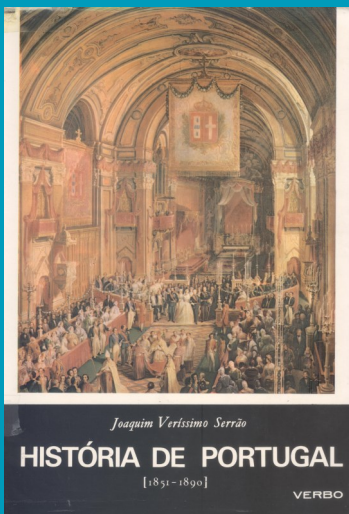


Cota: 94(469) SAR

ConTextos

Salvos estes incidentes, bem se pode dizer que as únicas revoluções tentadas ou preparadas no tempo de D. Luís foram de natureza espiritual e social. Em 1865, uma carta escrita por Antero de Quental, ainda então em Coimbra, em nome da sua geração académica, toda num frémito de inquietação intelectual, contra Castilho, que num posfácio a um livro ultra-romântico de Pinheiro Chagas dela troçara e afirmava a incompreensibilidade esotérica. Isto originou a questão do bom senso e do bom gosto, que durante meses agitou de panfletos a nossa estagnada vida mental, não sem eficiência sobre o rumo e ritmo, que desde então se pode considerar mudado. Em 1871 esta mesma geração, ainda por iniciativa de Antero, tentou nas Conferências do Casino mais funda e eficiente renovação da parada e anacrónica cultura nacional. (p. 64)

Saraiva, José Hermano. (2003). *História de Portugal* (7.º vol.).
Matosinhos: Quidnovi.



Cota: 94(469) SER

ConTextos

Apenas quatro sessões tiveram lugar. Antero de Quental falou a 22 de Maio sobre o objectivo das Conferências, voltando a usar da palavra no dia 27, sobre «As causas da decadência dos povos peninsulares». Atribuía esse atraso ao espírito da Contra-Reforma, que fora nocivo para a consciência individual das populações; ao governo absoluto, que desrespeitara os antigos foros e liberdades; e à expansão ultramarina de Espanha e de Portugal, que criara nos dois países hábitos de ostentação e de preguiça. A tese ajustava-se à concepção de Herculano de que a Idade Média fora a época de ouro dos povos hispânicos, pelo que a extroversão dos séculos XV e XVI arruinara a capacidade das duas nações hispânicas para o desenvolvimento interno necessário à sua pujança económica e social. (p. 302)

Serrão, Joaquim Veríssimo. (1986). *História de Portugal: o terceiro liberalismo (1851-1890)* (9.º vol.). Lisboa: Verbo.



Cota: 821.134.3-1 SOU

ConTextos

O infindável dos pretextos poéticos

Até à evidência,
até ao clarear de aves nocturnas
em rotundos prados, até ao fogo
(à queima de si mesmo
No centro das cavernas, entre cães
De Lascaux, bisontes de Altamira),
Até ao gotejar da água e à lasciva
Sede de dormir por entre as árvores,
Atá ao lago fundo e até à cinza
Duma penumbra errante (pragal
De nostalgia e de quebranto)
-há sempre atalhos rubros
Para a escrita,
Há sempre airoas rãs
Para a nossa fala. (p. 543)

Sousa, João Rui de. (2002). *Obra poética 1960-2000*.
Lisboa: Dom Quixote.

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário